

Prostituição, ofensas e bofetadas nos periódicos de Florianópolis entre 1900 – 1930

Cláudio R. A. Scherer Jr.
claudioschererjr@yahoo.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Esse artigo busca contar uma parte da história do cotidiano de violências e agressões sofridas por mulheres que prestavam serviços sexuais em Florianópolis entre os anos de 1900-1930, presente nos jornais do período.

Palavras chave: Prostituição, prostitutas, violências, periódicos

Abstract: This article have by aim to tell a part of the history of quotidian of violences and attacks on women who provide sexual services in Florianópolis between the years 1900-1930, found in the newspaper of the period.

Key words: Prostitution, prostitutes, violences, newspaper

Introdução

Na presente pesquisa meu enfoque está no cotidiano de repressões às prostitutas, que ainda hoje sofrem com enorme preconceito e incontável estigma. Nesse artigo, a prostituição virá acompanhada do relato de inúmeras formas de violências que essas mulheres se viam obrigadas a suportar. Violências físicas, morais, psicológicas e pressões de todas as camadas sociais que infligiam a elas uma constante busca de um ajustamento dentro de um corpo de padrões morais e éticos, que não viam, ou pelo menos não queriam, ver a prostituição como decorrente de sua sociedade. Sobre a prostituição, consultando os jornais da época, pode-se constatar em alguns momentos uma preocupação em controlar, e até mesmo “demolir, essa coisa velha que enfeia tanto nossa Capital.”¹

Analisando notícias de diferentes jornais nos quais eram relatadas violências, ou notícias que incitavam atitudes violentas contra essas mulheres, encontramos inúmeros atores sociais, dentre eles: uma elite de mulheres casadas, solteiras, de homens casados, solteiros e os clientes da prostituição. E no outro lado da fronteira social temos as mulheres pobres casadas, viúvas, solteiras e prostitutas, os homens pobres casados, solteiros e fregueses. Algumas dessas pessoas inclusive representavam dois atores sociais diferentes numa mesma pessoa, atuando em diversos papéis simultaneamente.

¹ Cousas Velhas... Na Cidade Nova...”. A *Capital*, Florianópolis, 8 de fevereiro de 1921, coluna 2, pág.1.



Com a ajuda das fontes, apoiado por uma bibliografia que possibilite uma contextualização e uma teorização, o desafio é contar essa história de violências contra as prostitutas, transmitidas pelos jornais de Florianópolis entre os anos 1900-1930.

Utilizando jornais

Muitas são as dificuldades enfrentadas na construção da história. O trabalho do historiador, convenhamos, não é dos mais fáceis. Lidar com fontes e interpretá-las deixa essa tarefa investigativa ainda mais interessante no ponto de vista do desafio. Na história não encontramos “a verdade”, e sim verdades, que mesmo na sua pluralidade, podem e devem ser entendidas como provisórias, nunca como definitivas ou completamente esgotadas. O que tentamos, com a ajuda das fontes, é nos aproximar o máximo possível do real acontecido, porém sempre tendo em mente que, o que é constatado, ou seja, o resultado a que se chega numa pesquisa histórica transita sempre dentro de uma versão possível, plausível.²

Florianópolis mesmo nos dias atuais ainda se configura como uma cidade pequena, ou pelo menos, uma cidade em pleno crescimento, e mesmo sendo a capital do estado ainda conserva costumes de cidade pequena, não urbanizada. No início do século XX as características da cidade deveriam ser ainda mais interioranas. É interessante perceber que, assim como hoje é divulgado a importância do crescimento e do desenvolvimento da cidade, também no século passado essas eram as preocupações dos governantes que queriam ver Florianópolis dentro do *hall* das grandes capitais brasileiras, tendo como metas a urbanização e higienização, principalmente da região central da cidade.

Essa urbanização e essa preocupação com a higienização da cidade eram também assuntos corriqueiros nos jornais do período, que também “discutiam questões morais, notícias, educação, comportamento ético. Prescreviam as formas de ser ‘distinto’ e ‘civilizado’”³, atuando como um divulgador de uma imagem do que era certo e do que era errado para as elites. Desse modo os jornais do período funcionam como um portal, que nos remete para dentro dos acontecimentos, das relações sociais e do cotidiano da Florianópolis das primeiras décadas do século XX.

O jornal desempenhava um importante papel na divisão e hierarquização das classes sociais, demarcando uma linha divisória extremamente rígida e excludente entre os que

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.115.

³ PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed da UFSC. 1995, p.52.



sabiam ler, ou seja, os que tinham acesso ao conhecimento, à ciência e a civilização; e os que não sabiam ler, que integravam um grupo limitado à cultura oral que perpetuavam práticas e valores classificados entre as coisas regidas por costumes⁴, que sofriam alterações e integrações de acordo com a realidade vivida, sendo consideradas dessa forma, um conjunto de valores e práticas não dignos de legitimidade. Nesse grupo dos que não sabiam ler e que tinham suas vidas regidas por costumes, é onde vamos encontrar as prostitutas e a prostituição, que apesar de ser praticada por mulheres que em sua maioria eram pobres e, portanto passavam dificuldades financeiras para o seu sustento, tinham entre seus clientes pessoas que não necessariamente estavam incluídos dentro do grupo de pobres analfabetos. O que nos leva a pensar que mesmo esse grupo dono do ‘conhecimento’ se via preso dentro de práticas ligadas aos costumes populares, o que talvez explique a repressão que os jornais fazem à prática da prostituição, pois os jornais que combatiam as prostitutas são feitos por e para essa elite, na tentativa de moralizar também os seus costumes, uma vez que “a finalidade última de todos os atos de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado.”⁵

Os periódicos como fonte histórica devem ser analisados levando em conta as questões relativas às práticas aceitas como morais e éticas para uma sociedade dividida entre ricos e pobres, essas que são além de outras, algumas das questões centrais dessa busca por diferenciação. Deve ser levado em conta também a evidente limitação existente na utilização dos periódicos como fonte histórica, que como foi dito antes, são feitos por e para a elite, e conseqüentemente nos apresentam apenas as representações dessa elite produtora e consumidora de periódicos. O que não significa dizer que servem apenas de fontes para a reconstrução histórica das elites, pois mesmo não sendo lidos pelas pessoas mais pobres, os jornais serviam como locutores das práticas aceitas entre as elites, que era quem normatizava e controlava a vida na cidade. E ao divulgar os delitos e escândalos da qual eram acusados certos grupos, entre eles os das prostitutas, reforçavam os modelos a serem alcançados e os a serem revogados.

É dessa disputa por controle, e nessa busca por diferenciação onde podemos encontrar as violências e abusos a que eram submetidas às mulheres prostitutas, que serviam de exemplo do que não se deve ser, nem fazer.

⁴ OLIVEIRA, Henrique Luiz Pereira. *Os filhos da falha: assistência aos expostos e remodelação das condutas em Desterro (1828-1887)*. São Paulo, PUC, 1990, 330p. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990. p. 225, Apud PEDRO, Joana Maria. *Ibidem* p.70

⁵ FIORIN, José Luiz. *Elemento de análise do discurso*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989, p.52, Apud PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed da UFSC. 1995, p.47.



Prostitutas, insultos e agressões

No dia 7 de janeiro de 1931 no jornal *O Estado*, em meio a notícias de falecimentos ilustres, notícias sobre o a utilização do álcool como combustível em motores e sobre a redução do imposto sobre a manteiga, uma notícia chama a atenção, não pelo seu tamanho, uma vez que tem apenas poucas linhas, nem pela sua apresentação que tem no máximo um pequeno título em negrito, chama atenção pelo seu conteúdo, que aos olhos de um historiador preocupado em encontrar e destrinchar suas poucas fontes, diz mais do que aparenta:

Por terem insultado a senhora do soldado da Força Pública de nome Cecilio Bento da Silva, foram presas as decahidas Alzira Minervina Rocha e Genny Maria Salles. O referido, soldado após apresentar queixa às autoridades policiaes civis por intermédio de sua esposa, esperou as decahidas á rua Lages, agredindo-as a bofetadas. As offendidas voltaram á policia e queixaram-se do agressor.[sic]⁶

Nessas poucas linhas temos inúmeras informações que nos ajudam a construir as relações sociais de Florianópolis no período (1900-1930). Nessa notícia encontramos quatro personagens, cada uma representando um papel social: o soldado Cecilio Bento da Silva; sua esposa denominada apenas como ‘a senhora’; e as ‘decahidas’⁷ Alzira Minervina Rocha e Genny Maria Salles.

Cecilio Bento da Silva, um soldado da Força Pública, ao se ver em uma situação desonrosa por ter sua esposa “insultada” por duas prostitutas, apresenta queixa à polícia e logo em seguida toma uma atitude que em nenhum momento do texto é condenada, agride as mulheres acusadas de terem praticado tal ato. O texto nos deixa várias perguntas sem respostas, pois não ficamos sabendo se Cecilio era freguês de alguma das mulheres citadas e muito menos em que circunstâncias a suposta ofensa aconteceu. Cecilio apenas achou-se no direito de mesmo após ter tomado as devidas providências legais, armar uma tocaia, e ao encontrar com Alzira e Genny agredi-las. O texto termina informando que as duas mulheres agredidas voltam à polícia e queixam-se do agressor.

Provavelmente a atitude de Cecilio não teve mais repercussão além dessa pequena notícia, sua agressão é considerada legítima num momento em que sua autoridade como soldado e mais do que isso, sua honra de homem é colocada em questão. Afinal, sua esposa sem nome não pode sofrer ofensas de mulheres que estão alocadas nos mais baixos escalões da hierarquia social, mulheres que num discurso médico higienista, muito presente à época,

⁶As “decahidas” erguem a voz, e caem a taponas. *O Estado*. Florianópolis, 7 de janeiro de 1931, p.6.

⁷“Decahidas”, “mundanas” são sinônimos de prostituta.



eram consideradas como um cancro na sociedade.⁸ A queixa posterior feita pelas mulheres agredidas não deve ter surtido muito efeito, isso porque não se tratavam de cidadãs ditas ‘dignas’, elas não eram ‘senhoras de bem’. Mesmo estando teoricamente em uma sociedade regida por leis, não fazem parte das pessoas amparadas e protegidas pelo Estado, que agia com descaso em relação às agressões físicas sofridas por essas mulheres.⁹

Em todas as notícias dos jornais consultados, os casos envolvendo prostitutas estão sempre ligados à polícia, em nenhum momento se encontra uma situação diferente. Isso porque a prostituição ao longo da história, quase sempre está à margem da sociedade dita ‘civilizada’, sendo combatida e condenada, apesar de sua ampla utilização por todas as camadas sociais.

Em outro caso nos deparamos com situação semelhante:

“Gasolina” é o appellido de uma decaída que já se vai tornando célebre na imprensa, a quem até já concedeu uma especie de entrevista “toute courte”... Seu nome é Maria da Conceição e ella promete muita coisa ao noticiário policial. Ontem, por exemplo, a Polícia Central recebeu nova queixa contra Gasolina. Desta vez, accusam-na de andar a insultar a espôsa de um cavalheiro que adulterinamente a procura e ao qual ella, Gasolina, dedica um “amor” verdadeiramente explosivo. A inflammavel Maria da Conceição foi chamada á Polícia Central e prometeu dominar-se... um pouco mais, naturalmente.[sic]¹⁰

Os dois casos possuem semelhanças; em ambos os casos temos um homem casado, sua esposa, prostituta(s), ofensa/insultos e polícia. Existem duas diferenças principais dessa notícia com relação à anterior: a primeira é que temos certeza de que o ‘cavalheiro’ tem um caso com Maria da Conceição, apelidada de Gasolina; a segunda é que não há violência física contra ‘Gasolina’. É interessante notar a diferente forma de escrita adotada pelos articulistas. O primeiro apenas cita um acontecimento no jornal, não tenta nada além de trazer informações pertinentes ao acontecimento sem nenhuma preocupação com o texto. Já o segundo começa dando uma introdução sobre quem é Gasolina e durante o texto faz trocadilhos com seu apelido, num tom de comédia.

Outra informação válida apresentada por essa fonte é a relação entre cliente e prostituta, onde “Gasolina, dedica um ‘amor’ verdadeiramente explosivo” para com seu “cavalheiro”. Era comum nas relações entre homens e mulheres prostitutas essa situação de ciúmes, onde um homem/cliente era atendido apenas por sua amante escolhida, e em casos de

⁸PEREIRA, Ivonete. *As Decaídas*, prostituição em Florianópolis (1900-1940). Florianópolis: ed. da UFSC. 2004, p.61; PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.p. 132.

⁹PEDRO, Joana Maria. *Op. Cit.* p.106.

¹⁰“Gasolina”... explosiva. *O Estado*. Florianópolis, 21 de junho de 1928, p.1.



troca de parceiras, as mesmas muitas vezes agrediam-se nessa disputa por cliente/amante. Nos casos citados, a intriga acontece não entre prostitutas, mas sim entre esposas e prostitutas; resta-nos saber quem começou o que. Existiam também ciúmes partindo dos homens entre si, provocando “desacertos e brigas (...). Ex-amantes enciumados, não conformados com o rompimento dos relacionamentos ou com o envolvimento das mulheres com outros homens, eram uma ameaça constante ao sossego delas.”¹¹

Um outro caso encontrado nos jornais do período faz referência a uma prostituta chamada “Sempre chorando”:

“Sempre chorando, é o appellido com que é conhecida uma escandalosa prostituta residente no Beco do Segredo, onde constantemente põe em sobressalto as famílias que têm a infelicidade de morar cerca da casa dessa mulher, que impunemente, n’um abrir de sua boca suja, a todos insulta lançando-lhes os apôdos mais degradantes que no mundo pódem haver. Essa mulher, além de todos os escandalos que constantemente dá, fazendo com que as famílias sejam espectadoras involuntarias dos mesmos, votou um odio terrível á sra. d. Emma Antoine Ferreira, que não podendo aturar por mais tempo as suas constantes descomposturas, deu hontem queixa á autoridade competente que mandou chamar a referida prostituta, que na presença da autoridade teve a desfaçatez de negar factos comprovados.[sic]”¹²

Mais uma vez a polícia é convocada num caso envolvendo escândalos entre prostitutas e “mulheres de bem”. Porém, dessa vez, o articulista menciona com nome e sobrenome a mulher ofendida, o que significa se tratar de uma senhora que faz parte do grupo das elites de Florianópolis, e portanto merecedora de respeito e credulidade perante as autoridades.

Na notícia “É bom evitar – no jardim” do jornal A Verdade de 11 de outubro de 1921 o articulista nos informa a respeito de uns “taes” presentes em um jardim público de Florianópolis:

Ante-hontem, quando innumeras familias faziam o costumado curso no jardim Oliveira Bello, ali appareceram diversas “mundanas” bancando “pose”. Conhecidissimas do nosso meio essas mulheres devem comprehender que ali entre familias não é seu logar. As familias em vez de fazerem os seus passeios, sentaram-se umas, outras saíram indignadas e com muita razão. E se assim continuar, isto é, se não houver uma providencia no sentido de se evitar que messalinas ali estejam a pestilenciar aquelle ponto, o único, pode-se dizer, onde aos domingos reúnem-se as nossas familias, estas naturalmente ali não irão mais. Já que estamos com a mão na massa devemos chamar a atenção da policia para a pouca vergonha de namorados que, sem respeito ás familias, vão para o jardim, sentam-se nos bancos resguardados pelas sombras das arvores, e tocam em idyllios desavergonhados. É bom evitar. Ali não é logar para essas coisas. Na cidade ha muitos outros pontos para onde “taes” podem dirigir-se e, ficarem á vontade sem desrespeito às familias, sem offensa á moral publica. [sic]¹³

¹¹PEREIRA, Ivonete. *Op. Cit.* p.114

¹² Sempre chorando. *Folha do Comércio*, Florianópolis, 20 de dezembro de 1911, p.2

¹³É bom evitar – no jardim. *A Verdade*. Florianópolis, 11 de outubro de 1921, p.1



Nos dois casos, o das “mundanas bancando pose” e o dos casais de namorados e seus “idyllios desavergonhados”, a preocupação do articulista está na preservação da ‘moral e dos bons costumes’, e nas palavras do articulista deve-se “chamar a atenção da policia para a pouca vergonha”. Existia em Florianópolis uma luta pela sobrevivência, e essa luta acabava gerando disputas pelos lugares públicos e uma consequente expulsão do grupo mais fraco, nesse caso as prostitutas, que impossibilitadas de se enquadrar nos moldes de comportamento imposto às mulheres, se viam também diante de barreiras para a execução de uma função extremamente importante para a subsistência sua e de sua família, atividade que apesar de considerada desqualificada, era vista como útil na visão das autoridades; pois as prostitutas serviriam de escoadouro dos desejos sexuais masculinos e consequente preservação da moral das “moças de bem”.¹⁴ Essa suposta utilidade apontada é encontrada desde os primórdios da Idade Média¹⁵, onde muitas vezes não apenas as prostitutas serviam como escoadouro desses desejos, mas também as mulheres pobres.

As mulheres “decahidas” não se enquadravam nos papéis estabelecidos do que realmente deveria ser uma mulher, de como ela deve se comportar, em que lugares deve andar. Deveria ser difícil exercer a prostituição numa sociedade que considerava o casamento como sendo a única forma legítima de exercer sua sexualidade¹⁶, que considerava o “sexo da mulher uma coisa importante, frágil tesouro, segredo”¹⁷, que dizia ser a esfera íntima do lar o seu lugar, que a busca por um marido seria a razão do viver de uma mulher, e que após tê-lo, satisfazer-lhe todos os desejos¹⁸. As prostitutas não conseguiam se enquadrar nesses papéis e, portanto não recebiam o respeito dado as ‘moças de bem’, além é claro do fato de serem pobres, o que permitia à polícia usar uma série de repressões e arbitrariedades. Por mais que em Florianópolis do início do século XX, a maioria das mulheres não tirassem seu sustento unicamente dos serviços sexuais prestados, a prostituição acabava sendo uma forma de complementar a renda familiar, sendo ocasional na maioria das vezes¹⁹.

De maneira geral nos EUA, no mesmo período, a origem social das prostitutas era semelhante às de Florianópolis: “algumas delas entravam na vida porque eram preguiçosas ou ansiavam por sexo; de longe, porém, a maioria entrava no negócio por necessidade

¹⁴SOHIET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1989, p.203-205. Apud PEREIRA, Ivonete. Op. Cit. p.117.

¹⁵Ver: ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

¹⁶ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.p56.

¹⁷FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p.101. Apud Ibidem p.63,64.

¹⁸Ibidem p. 115, 53.

¹⁹Ibidem p. 160



econômica, moças que não tinham nenhuma especialização ou mulheres abandonadas, sem qualquer experiência de trabalho”²⁰. As mulheres pobres de Florianópolis se viam presas a trabalhos poucos rentáveis e pouco valorizados como lavadeira, quitandeira, doméstica, trabalhos que assim como nos EUA não configuram em nenhuma especialização, e assim como lá, muitas dessas mulheres haviam sido abandonadas, algumas vezes com filhos para criarem. A prostituição auxiliava diretamente na sua própria sobrevivência e na de seus filhos e filhas. E apesar de todas as repressões, agressões e exclusões que se via destinada devido a sua condição, devia considerar a realidade dura, porém inevitável, e por ser pobre e mais do que isso por ser mulher, não possuía escolhas, apenas buscava sobreviver.

Conclusão

Ainda hoje muitas vezes nos vemos inseridos em um contexto que delega à prostituta um grau de humanidade quase questionável, é como se ela não valesse nada, sem moral e sem dignidade. Ainda hoje existem discursos que levam a crer que a prostituta presta serviços sexuais por puro e belo prazer, e daí se origina a denominação ‘vida fácil’. Nos esquecemos que elas são pessoas!

As violências que nos são apresentadas na forma de bofetadas, agressões, desqualificações e cobranças comportamentais, presentes nos jornais do período, refletem o que ainda hoje acontece. Em 3 de novembro de 1923 o jornal O Estado dava a seguinte nota: “Foram presas por embriaguez e desordens, e recolhidas ao xadrez da Chefatura de Polícia, as decahidas Paulina Rezende e Magdalena Ass”[sic]²¹, e quem sabe após a prisão citada poderia ocorrer o que encontramos nesse relato:

Os tiras levaram a gente para a delegacia. Lá fomos espancadas e tratadas que nem cão. E é sempre assim. Mais ainda: eles exigiram, de cada uma de nós, a quantia de Cr\$1 mil. Ainda ameaçaram: “ou dão esse dinheiro ao assinam o 59” (art.59 – Vadiagem -, do Código Penal Brasileiro). E como eu não aguento mais essa exploração, eu disse na cara deles: “vou denunciar essa safadeza de vocês ao Juiz-corregedor”. Aí o negócio engrossou. Recebi um soco na cara e mais uma ameaça: “se você for, você morre, desaparece do mapa. A partir de agora a sua vida não vale um tostão furado, ouviu?”- Baiana.²²

²⁰ MURPHY, Emmett. *História dos grandes bordéis do mundo*. Trad. de Heloísa Jahn. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994. p.240

²¹ “Prisões”. *O Estado*. Florianópolis, 3 de novembro de 1923, p. 1

²² ANGELO, Assis et al. (orgs.) *A prostituição em debate: depoimentos, análises, procura de soluções*. São Paulo: Ed. Paulinas. 1982. p. 8,9.



Nas palavras de Baiana encontramos o que ainda hoje acontece, assim como nas décadas iniciais do século XX, onde as prostitutas se viam à margem da sociedade, as práticas e em certo modo alguns valores permanecem como os de 1900-1930, quem sabe até piores.

O grande problema é que na maioria dos casos, assim como lá entre 1900-1930, as mulheres que se prostituem, e conseqüentemente sofrem as já mencionadas repressões, na maioria das vezes não tem escolha, precisam sobreviver e prestando serviços sexuais encontram um modo não fácil, mas mais lucrativo, mediante suas possibilidades.

Referências bibliográficas

ANGELO, Assis et al. (orgs.) *A prostituição em debate: depoimentos, análises, procura de soluções*. São Paulo: Ed. Paulinas. 1982.

EMMETT, Murphy. Rainha das andorinhas. In:_____. *História dos grandes bordéis do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1994. Pág. 223-242.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed da UFSC. 1994.

_____. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed da UFSC. 1995.

PEREIRA, Ivonete. “*As Decáidas*”, prostituição em Florianópolis (1900 – 1940). Florianópolis: Ed. da UFSC. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Recebido em 14 de julho de 2010.

Aceito para publicação em 30 de janeiro de 2013.

